

REALIDADES E VERDADES DO DIA A DIA PARA OS PORTADORES DE DISTÚRBIOS GENÉTICOS E MENTAIS

RESUMO

Gerciellen Lacerda Lima - AEMS
Hercules Farnesi Cunha – AEMS (Orientador)

O presente artigo científico intitulado “Realidades e Verdades do dia-a-dia para os portadores de distúrbios genéticos e mentais” é fruto do meu trabalho de conclusão de curso – “Defi(ciente) de seus direitos”- cujo produto é uma série de reportagens sobre pessoas deficientes e a famílias destes. A partir do pressuposto de que este assunto tem sido pouco divulgado nas mídias sociais e nos meios de comunicação, o artigo idealiza uma idéia de junção das “tribos” educadores versus deficientes. O problema investigado é se realmente essas pessoas são aceitas pela sociedade, pela família e pelos educadores. O objetivo das entrevistas realizadas foi levar informações dos aspectos educacionais e social, além de proporcionar a divulgação pela vida de uma maneira diferente. A abordagem desse artigo propõe a sociedade uma releitura da conduta diante dos portadores de necessidades especiais. Uma visão diferenciada que possui comentários e opiniões de terceiros, além de propor uma reflexão.

Palavras-Chave: Crianças especiais, Distúrbios genéticos e mentais, reportagem.

REALIDADES E VERDADES DO DIA A DIA PARA OS PORTADORES DE DISTÚRBIOS GENÉTICOS E MENTAIS

Gerciellen Lacerda Lima - AEMS
Hercules Farnesi Cunha – AEMS (Orientador)

INTRODUÇÃO

“A deficiência é a não eficiência em alguma coisa e, neste sentido, ninguém é eficiente em tudo e, ao mesmo tempo, não existe ninguém que não seja eficiente em ao menos alguma coisa”. Andréia Poletti

O intuito deste trabalho é trazer para realidade as pessoas portadoras de distúrbios genéticos e mentais e que são esquecidas por esse mundo veloz e capitalista. Demonstrar que são seres humanos e que ser diferente não é “o fim do mundo”. Também ressaltar que caracterizá-los como estranhos não trará nenhum benefício, nem a eles e nem à essa sociedade que, muitas vezes, os discrimina. Dessa maneira propõe-se identificar o ponto crucial que os fazem viver como se nada fosse diferente, conhecer o que é deficiência, identificando os problemas desses especiais e, ainda, analisar o comportamento de alguns educadores e profissionais diante do assunto.

Pretende-se que esta pesquisa jornalística possa buscar possibilidades e melhorias na vida de um excepcional, sem que seu cotidiano seja inusitado. Esses portadores devem se sentir mais próximos de um convívio normal, sem qualquer dificuldade de inserção social, #tanto na vida pessoal quanto profissional. O artigo propõe, também, uma pesquisa de campo sobre a própria sociedade, instituições públicas e privadas, sabendo que estas ainda não estão preparadas para ter um relacionamento direto com os portadores de necessidades especiais, como, por exemplo, a inclusão escolar – representa valores simbólicos importantes que dizem respeito à igualdade de direitos e oportunidades educacionais para todos os indivíduos, mas ainda encontra sérias resistências que se referem principalmente ao acesso de todos os alunos à escola comum. (Cf. BRASIL, 2001).

Segundo Mazzotta (2002), é de grande importância para todos os indivíduos, profissionais ou não, estar atento à questão da inclusão, não apenas escolar, mas também no âmbito mais amplo que compreende a sociedade. Referindo-se à integração, movimento que teve início na década de 70 e visava criar classes especiais em escolas regulares para atender a crianças com deficiência em período integral ou parcial, de forma concomitante à sala comum (Cf. ANGELOTTI, 2004). Mazzotta (idem) afirma que este movimento já vem sendo entendido como algo ultrapassado.

Há alguns anos a inclusão social vem sendo vista com mais respeito, “mas nem tanto”, e interação pública e privada, com algum apoio especial do meio comunicacional, como rádio, TV, redes sociais, todo e qualquer meio que transmita ideias e ideais em prol de uma causa. É #necessário preservar o bom senso. É preciso divulgar as causas, para que possam ser vistas e dialogadas. Considera-se a comunicação o meio mais viável para tratar desse assunto, tão temido por muitos e vergonhoso por outros. Não há motivos para se ter vergonha de viver e ser feliz. A comunicação é uma “ponte” para essa inserção, pois falar muito pode levar a um momento de que o assunto já não seja mais novidade, e ser especial não pode ser novidade, porque, afinal, todos são especiais. Há inúmeras discussões sobre salários, greves, política. A cada instante surge uma nova notícia, divulgadas em inúmeros meios de comunicação. Da mesma forma uma nova etapa de conquista é realizada por um deficiente, seja um passo, ou uma conquista profissional e isso também deve ser divulgado.

Contudo, a realidade é outra. Pessoas nascem, morrem e a deficiência continua não sendo vista pela sociedade como um fato normal, até porque é implícito à cultura humana a maneira de se visualizar a vida. Entretanto, através de pesquisa, averigua-se que muitas pessoas não conseguiriam aceitar ser pai, mãe ou irmão de alguém que nasceu com síndrome de Down, pois os consideram incapazes de lidar com a sociedade, mas que dariam todo amor necessário. O fato é que a aceitação pessoal pode ser superada com o tempo, mas superar a ameaça de lidar com “o mundo do lado de fora”, para muitos, é difícil, pois temem encarar a visão das pessoas e as indagações alheias constrangedoras.

Essa dificuldade de aceitação e de adaptação não acontece apenas na família. As escolas públicas, por exemplo, não estão preparadas para receber um deficiente físico, pois não são adaptadas com a acessibilidade para o deficiente físico ou mental, com atraso psíquico mental, pois os professores ainda encontram muita dificuldade em inserí-los como aluno normal.

A verdade é que, por algumas terem feições físicas que fogem do padrão social, ou por terem atos inesperados, as pessoas sentem-se inseguras em como reagir naturalmente, preferindo, na dúvida, se distanciar. É compreensível que no começo seja difícil, porque o ser humano busca sempre pela perfeição, sem ao menos saber qual é realmente a perfeição. O ato da negação e da dificuldade de ensinar deveria ser tratado com mais cuidado e ser divulgado que essas pessoas não são culpadas por seres “deficientes”.

Ter consciência de que uma criança é diferente, que o próprio filho é diferente das outras crianças, torna um desafio quando se trata de sociedade e de visibilidade, pois é assim que o ser humano se vê diante dos outros seres humanos, como um indivíduo que possa ter problemas de fecundação, ou qualquer outro problema ligado a gestação da criança.

Ao conhecer a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais da cidade de Água Clara (MS), pode-se ter a certeza de que a vida é muito mais que um bom emprego, que um bom carro, de que a vida é mais do que esse “mundinho fechado para o egoísmo e civismo”. Lá, conhece-se crianças que amam realmente a vida e que dão valor a isso. Nada é mais gratificante do que um abraço inesperado e um sorriso de gratidão. As crianças não se importam qual a marca da sua roupa, qual seu estilo de vida. Elas não te julgam por um simples ato, elas apenas “vivem” e fazem isso melhor que muitos “normais”.

Essa visita à instituição resultou em benéficos pensamentos e posicionamentos diante do mundo, porque, na verdade, na instituição não há apenas crianças (denomina-se criança pela idade mental e a dificuldade de aprendizado), mas alunos que são matriculadas na APAE e que já passaram dos seus 20 anos de idade. No entanto, não evoluíram nas sua idade mental.

A deficiência mental é uma das mais encontradas na instituição de Pais e Amigos dos excepcionais de Água Clara. Segundo Maria Emília (?), coordenadora, a cidade ainda se encontra em pleno progresso evolutivo educacional para essas pessoas, além de muitos pais não aceitarem que seus filhos sofram com alguma deficiência e tentam, por eles mesmos, dar educação e socializá-los.

Há inúmeras histórias de vida em qualquer lugar do mundo. Histórias de superação, histórias de lutas e derrotas, de perdas e ganhos e essas histórias devem ser contadas, devem ser dialogadas, para que um simples problema não vire o fim do mundo; assim podem comparar um problema ao outro. Falar de deficiência não é como contar um caso bombástico de uma celebridade, pois se comprova, infelizmente, que um caso de celebridades dura mais tempo na mídia do que um bom exemplo de vida de famílias que vivem dramas e dificuldade de inclusão social.

PESQUISA DE CAMPO

Em várias entrevistas coletadas, teve-se contato com uma dessas histórias de superação, com a declaração de uma mãe que pouco entende dos direitos e leis dispostas a ajuda-la. Narra-se, portanto, a história de Alzenir da Silva - conhecida na cidade de Água Clara (MS) como Nil, é dessa maneira que ela gosta de ser chamada.

Nil é uma mulher batalhadora e que trabalha em seu salão de beleza. Veio com sua filha Taís, de Recife (PE), separada do marido, tentar a oportunidade de uma vida melhor na pequena cidade, a 90 km de Campo Grande, capital do Estado. Ela conta que a filha, de 18 anos, é uma incrível menina meiga, carinhosa, mas que, aos três anos de idade, deixou transparecer diferenças das outras crianças. Taís apresentava um atraso mental, tinha dificuldades de se comunicar e não conseguia distinguir objetos com facilidade. Eram hábitos diferentes das outras crianças e seu diagnóstico foi considerado como deficiência mental médio.

Percebendo essa anormalidade, a mãe (Nil) decidiu ensiná-la algumas coisas sobre a vida, como ler e escrever, mas não foi de todo possível, pois Taís não conseguia aprender e, vendo que sua filha tinha outras habilidades, como pintar e dançar, Nil colocava CD's para tocar, enquanto Taís pintava telas. Assim e aos poucos, a menina foi desenvolvendo uma fala mais ampla e com um pouco mais de facilidade.

Hoje, Tais tem 18 anos e Nil se orgulha da filha. Matriculada na APAE de Água Clara, ela conseguiu um desenvolvimento maior e já sabe escrever. Pouco, mas já consegue. O maior sonho de Tais, segundo ela, é ser uma professora de dança profissional, e ainda pintar telas para vender, pois sua habilidade com as cores impressiona qualquer pessoa. Taís se diz feliz com a vida que tem, ama seus amigos de escola (APAE), suas professoras e, acima de tudo, ama sua mãe que nunca a deixa sozinha.

Ao conhecer a história de Taís, recorda-se de um grande filme: "Como estrelas na Terra - Toda criança é especial". Filme indiano de 2007 e que trata sobre a dislexia. Considerado um dos melhores filmes de lição humana e recomendado para todos que buscam pelo humanismo com sensibilidade, principalmente pais e educadores.

A dramaturgia do filme tem como personagem Ishaan - um menino de nove anos, com dificuldades de aprendizagem. Apesar de ser muito criativo e adorar desenhar, todos de sua sala de aula conseguem resolver problemas de matemática, ler, escrever e só ele não consegue. Taxado de preguiçoso, burro, desleixado e comparado ao irmão que é muito inteligente, Ishaan vai perdendo a vontade de estudar, de ir à escola e começa a acreditar em seu fracasso, acumulando ódio de si mesmo, por ser incapaz de concluir qualquer atividade.

Um dia, a chegada de um professor substituto de artes muda as regras da escola, trabalhando as crianças com amor, disciplina com alegria, possibilitando a percepção de que o problema do garoto é a dislexia. O professor, então, presta atenção em seu comportamento, vê que a criança trocava as palavras, mas não era por preguiça nem falta de vontade, como via os pais.

Sabendo disso, o professor passa a trabalhar de uma maneira especial com o garoto, levantando seu ânimo e mostrando que ele é tão capaz quanto qualquer outra criança. O caso é parecido, mas na vida real Nil (a mãe de Água Clara) foi a professora de sua filha. Foi ela quem realmente percebeu que havia algo diferente das outras crianças. Acredita-se que esse seja um dos problemas mais comuns enfrentados não só por crianças, como também por adultos, pois a dislexia ainda é pouco conhecida e quase sem referências de como lidar com a doença.

A questão educacional causa transtorno em quase todas as escolas, a falta de informação e de formação dos professores, exatamente por isso que conversei que a professora e assistente social Lidiane Ferreira (entrevista ainda não cedida, mas encaminhada).(precisa colocar a contribuição dela)

CONTEXTO HISTÓRICO E AS LEIS

Na antiguidade, as pessoas com deficiências eram totalmente segregadas, excluídas e até, em alguns casos, eram condenadas à morte logo ao nascer. Entendia-se que a deficiência era um mal para toda a humanidade e as famílias que tinham pessoas assim estavam sujeitas a desgraça dos Deuses, por isso se livrar dessa pessoa com deficiência era a melhor opção. Assim como em algumas tradições ter filha “mulher” era castigo divino ou a mulher não era boa “parideira”, e por isso era considerada mulher dispensável aos prazeres da relação conjugal. Hoje em dia ainda há tradições parecidas, mas não tão divulgadas, pois há leis que devem ser exercidas perante os direitos da mulher, e também das leis humanitárias, portanto os direitos legais dos portadores de necessidades especiais são rigidamente tratados em jurisdição.

Se há um estudo aprofundado sobre cada ser humano, é necessário entender de que a vida é ainda uma incógnita, e cada um vem ao mundo com um destino traçado, assim acredita alguns fiéis. Outra maneira de analisar o ser humano é observar como cada um vem ao mundo, pois desde o início dos tempos, observa-se algo que une, e ao mesmo tempo separa os homens de todas as raças e credos: as diferenças - e não é uma e outra diferença, mas inúmeras diferenças que desviam um do outro, seja na cor, nacionalidade, entre outros aspectos determinantes que desviam o olhar da igualdade.

Ao traçar um paralelo com a época dos grandes coronéis também notamos que havia uma separação étnica entre escravos negros e a população branca, dessa forma percebe-se que sempre houve pessoas vítimas de abusos de poder, de superioridade ou que, de alguma forma, por serem consideradas “indesejáveis”, “ameaçadoras” à ordem social, foram excluídas ou afastadas seja por sexo, raça, religião, política ou até mesmo pela idade. Esse estigma se estende às pessoas portadoras de deficiências, as que para muitos não tem voz ativa e que jamais serão “capazes” de fazer algo útil ao próximo, e essa mesma realidade obscura e confusa procura “afastar” ou “excluir” os “indesejáveis” cuja presença “perturba” e “ameaça” a ordem social.

A busca pela perfeição humana faz com que a sociedades se esqueça das verdades que o mundo transpassa, às vezes de maneira subliminar, ou bem diante dos nossos olhos. As virtudes, as diferenças alheias são visivelmente percebidas em nosso meio social, contradizendo, não sabemos quem é realmente social, pessoas que não são sociáveis com as diferenças, não se dão o direito de se considerar social, há inúmeras maneiras de tratar desse assunto, de quem realmente se preocupa com os portadores de necessidades especiais, e quais mudanças que as autoridades propõem à família, as possíveis assistências, o apoio a esses são essenciais e de extrema importância para o desenvolver da sociedade aceitável.

Todo e qualquer processo de evolução sofre com os prós e contras da situação, e não há como nos enganar de que a realidade de um excepcional não seja diferente, porque é. Temos que enxergar a verdade “nua e crua” é por isso que existem inúmeros bordões que indica a verdade desses excepcionais, como por exemplo: “Ser diferente é normal”. E quem é que nos garante quem é realmente o normal? Somos nós? Pessoas que vivem em busca de um ego doentio, pelo sucesso pessoal, somos nós os normais que disputamos espaço em todo lugar que passamos, ou eles são normais por apoiar e garantir conforto as pessoas que estão ao seu lado? Todas essas indagações não serão respondidas com facilidade, pois é uma questão que a psicologia e a medicina ainda não encontraram meios de discernir os comportamentos, podem existir inúmeros estudos distribuídos pelo mundo sobre o assunto, mas nada definido, pois definir a vida humana é uma tarefa que o próprio ser humano não consegue distinguir.

Enquanto há inúmeros estudos para descobrir quem é realmente normal, este artigo científico mostra as verdades e realidades dos excepcionais e dos profissionais da área da educação. A partir da ideologia desses profissionais podemos perceber como somos leigos dos ideais e idéias do próximo. A idéia é mostrar quem

realmente se preocupa com a educação e o conforto para pessoas especiais, por meio de entrevistas com profissionais que lidam direta ou indiretamente com situações que devem ser administradas com sabedoria. Entre diversas instituições do Estado do Mato Grosso do Sul, a AEMS Faculdade Integrada de Três Lagoas disponibilizou professores para complementar esse artigo.

O primeiro a ceder informações adicionais ao artigo é o Mestre em Comunicação, César de Mello Bechara, que atua como professor e coordenador no curso de Comunicação Social. Segundo Bechara, durante os últimos anos, a AEMS tem preparado seus professores com Aperfeiçoamentos Pedagógicos constantes para que estes estejam prontos para recepcionar alunos com algumas patologias psicológicas e psíquicas leves. Infelizmente, não existe uma preparação por parte dos professores para acolher algumas pessoas com necessidades de grau mais elevado.

Assim como outras empresas trabalham em aperfeiçoar seus funcionários, a AEMS busca por melhorias. O Mestre em Comunicação afirma que teria algumas dificuldades no início sim, caso houvesse alunos matriculados com algum distúrbio genético em sua sala de aula, pois é uma adversidade e seria necessário um acompanhamento mais próximo pelo Núcleo de Atendimento Psicopedagógico para orientações de como avaliar o aluno, extraindo seu melhor, como conduzir uma aula para que os outros alunos também se sintam confortáveis com a situação. Mas afirma que a publicidade tem ajudado a desmistificar o que está por trás de alguns transtornos mentais, seja em campanhas por meios comerciais na TV, seja por *merchandisings* Sociais inseridos nas telenovelas. “Acredito que só conhecer essas deficiências e aceitando a diferença que tem no outro, já estou fazendo a minha parte.”

Ainda existe um tabu sobre o assunto nas escolas, nas ruas, nas famílias, e diante disso o que é feito para melhoria do convívio dessas pessoas, quais ações e providências cabíveis são executadas pelos profissionais da saúde, da educação, da sociabilidade?

Incluindo os diversos ramos profissionais que auxiliam no desenvolvimento benéfico dos excepcionais e da família desses, pode-se dizer que o jornalismo exerce um papel fundamental no processo de visualização e divulgação das experiências alheias. Ao abordar criticamente o caso, a imprensa não está fazendo nada mais do que cumprir com a sua obrigação de bem informar a população sobre os acontecimentos relacionados com a situação, para que a própria população tire as suas conclusões.

Não se trata de pressionar as instituições democráticas, mas sim, de um dever de ofício, assim pessoas “normais” são notícias diariamente. Os excepcionais também devem ser dignamente trazidos a realidade de todos, não nasceram para ficar escondidos, ou fazer um papel ou outro como ator ou atriz na tela da Globo. Há muito mais que isso, a doutrina de estilo de vida que causa o estranhamento das pessoas “normais” para com as “especiais”.

Estes portadores de necessidades mentais ou genéticas merecem um cuidado especial, tendo visto que, em muitos casos, as anormalidades não são diagnosticadas nos primeiros meses de vida, quando ainda não é possível identificar com precisão quais são os transtornos mentais. Assim como qualquer outra criança deve recorrer aos tratamentos pediátricos, o portador de necessidades especiais também deve recorrer a todos esses procedimentos. O desenvolvimento dos portadores de necessidades especiais deve ser observado dia-a-dia, pois, há casos que se identificam com clareza dependendo da profundidade, e outros que só serão percebidos ao longo do tempo, como por exemplo o mongolismo, que causa o retardamento de percepção.

DEFICIÊNCIAS

O deficiente mental é aquele indivíduo que possui limitações, ou seja, ele precisa de uma orientação específica e, para isso a medicina, a psicologia e a pedagogia trabalham em prol desses casos, que não são isolados. E para que esse processo funcione com eficácia é necessário que a medicina adote uma metodologia diferenciada, devido às diversas limitações clínicas que cada paciente possui. Esse indivíduo deverá ser instruído com uma orientação pedagógica que seja capaz de suprir as necessidades de ensino e conduta. Além da educação diferenciada, o que proporciona também o bom desempenho de crianças e adultos com síndrome de Down, ou qualquer outro distúrbio genético, devido às alterações genéticas, é o apoio que a psicologia proporciona, demonstrando compreensão sobre tal distúrbio.

Para interagir com o tema abordado, é necessário conhecer as deficiências, termos esse que muitos se referem às pessoas que nascem com algum tipo de distúrbio genético ou mental, em especial tratarão da Síndrome de Down e alguns tipos de retardamento mental, que por ausência de normalidade se classificam como “distúrbios”.

De acordo com o livro “O que é deficiência?”, de Débora Diniz, não se incluiu apenas Síndrome de Down como deficiência, mas deficiência significa as limitações funcionais nos indivíduos, causados por lesões físicas, sensoriais ou mentais (Ed. 2007, p.34). “A síndrome de Down é uma alteração genética produzida pela presença de um cromossomo a mais. Esta alteração genética afeta o desenvolvimento do indivíduo, determinando algumas características físicas e cognitivas”.

Não se conhece com precisão os mecanismos da disfunção que causa a Síndrome de Down, mas está demonstrado cientificamente que acontece igualmente em qualquer raça, sem nenhuma relação com o nível cultural, social, ambiental, econômico etc. Os sinais são: hipotonia (fraqueza muscular, a criança fica “molinha”), face plana, fissuras palpebrais oblíquas para cima, prega epicântica (prega na qual a pálpebra superior é deslocada para o canto interno), graus variados de retardo mental e de crescimento; malformações cardíacas, prega palmar única, mãos curtas e largas, hipoplasia (desenvolvimento incompleto) da falange média do quinto dedo, atresia intestinal (anormalmente fechado ou ausente) e palato ogival.

A deficiência mental, denominada também oligofrenia (termo esse que designa déficit de inteligência), é uma deficiência do desenvolvimento da inteligência. As crianças afetadas apresentam pouca capacidade de raciocínio, de compreensão, de juízo e de memorização, o que dificulta o aprendizado e a adaptação social. Esta é conhecida por problemas com origem no cérebro e que causam baixa produção de conhecimento, dificuldade de aprendizagem e um baixo nível intelectual. Entre as causas mais comuns deste transtorno estão os fatores de ordem genética, as complicações ocorridas ao longo da gestação ou durante o parto e pós parto. O grande enigma que se coloca diante dos pesquisadores é como detectar ainda na vida dentro do útero estas características.

De acordo com (IBGE) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, quase 46 milhões de brasileiros, cerca de 24% da população, declarou possuir pelo menos uma das deficiências investigadas (mental, motora, visual e auditiva).

Há quem pense que todas as crianças já nascem com visíveis sintomas de anormalidade. Engana-se, pois pesquisas mostram que, aproximadamente 75% das crianças oligofrênicas não diferem em seu aspecto físico das crianças normais, apesar de muitas delas sofrerem alterações orgânicas, como a epilepsia, defeitos visuais ou auditivos e problemas de linguagem. Os 25% restantes apresentam diversas anomalias, visíveis nos traços faciais, como acontece nos casos de mongolismo, ou que afetam os músculos, ossos, coração e outros e são os casos dos Downs e dislexias.

Em alguns casos, a deficiência mental é detectada nos primeiros anos de vida, em idade pré-escolar. Quando a anormalidade não é muito profunda pode passar despercebida até a idade escolar (entre os cinco anos e a puberdade). Na infância, a normalidade de uma criança é comprovada da seguinte maneira: por volta dos quatro ou cinco meses ela deve sustentar a cabeça erguida; aproximadamente aos seis meses fica sentada; aos oito meses fica em pé com ajuda; com um ano, começa a dizer algumas palavras; aos 15 meses, já anda sozinha e, entre os 18 e 24 meses, começa a exigir a satisfação de suas necessidades corporais.

Já na idade escolar, uma criança com deficiência mental, além das dificuldades de aprendizagem, pode apresentar problemas de conduta, como nervosismo, falta de controle de seus impulsos, dificuldade de concentrar sua atenção etc. Na idade escolar, já é possível determinar o grau de deficiência mental, mediante o quociente de inteligência (Q.I.).

Quociente de Inteligência é um índice empregado para avaliar a inteligência de um indivíduo. É calculado de acordo com a capacidade de responder a certos testes ou provas adequadas a cada idade. Por definição, o indivíduo normal médio tem um Q.I. de 100; se for mais alto, terá uma inteligência superior à da média; caso contrário, será considerado deficiente.

As causas da deficiência mental só são possíveis de serem avaliadas em 25% dos casos. A anormalidade pode estar ligada a problemas de origem genética (como, por exemplo, o mongolismo). Outros tipos de deficiência mental devem-se a doenças de metabolismo ou a carências hormonais. Também podem sofrer de deficiência mental as crianças que nascem prematuramente, ou que tenham sido afetadas, durante a gestação, pela radiação, infecções por vírus, sífilis etc., inclusive durante o parto pode ocorrer alguma pancada, ou hemorragia intracraniana, ou ainda falta de oxigenação no cérebro. Ainda, após o parto, podem ocorrer infecções que prejudiquem o desenvolvimento mental.

O ambiente pode influir no desenvolvimento da criança; o meio social, a moradia e o ambiente familiar são de grande importância. Durante a idade pré-escolar a criança entra em contato com o mundo que a cerca, demonstrando curiosidade por tudo. A própria curiosidade tende a desenvolver sua capacidade mental e proporcionar uma série de conhecimentos básicos. A falta de estímulo nesta área favorece a deficiência mental.

CONCLUSÃO

O artigo “Realidades e Verdades do dia a dia para os portadores de distúrbios genéticos e mentais” é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso – “Deficiente de seus direitos”, cujo produto é uma série de reportagens sobre pessoas deficientes e suas famílias.

O objetivo é conscientizar os leitores para uma nova visão sobre a sociedade excepcional, sabendo que acabar com o preconceito é uma tarefa árdua e quase impossível. No entanto, mostrar que essas pessoas são seres humanos e que também respiram, comem, dormem, é o intuito do trabalho, mostrando a relação da educação e inserção desses portadores de necessidades especiais.

A partir do pressuposto de que este assunto tem sido pouco divulgado nas mídias sociais e nos meios de comunicação, o artigo idealiza uma ideia de junção das “tribos” de educadores versus deficientes. O problema investigado é, se realmente essas pessoas são aceitas pela sociedade, pela família e pelos educadores. Uma visão diferenciada que possui comentários e opiniões de terceiros, além de propor, pelo menos por enquanto, apenas uma reflexão.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

MAZZOTTA, M. J. S. *Deficiência, educação escolar e necessidades especiais: reflexões sobre inclusão sócioeducacional*. Cadernos de Pós-Graduação. Universidade Presbiteriana Mackenzie, n. 7, p.15-24, São Paulo, 2002.

_____. *Identidade dos alunos com necessidades educacionais especiais no contexto da política educacional brasileira*. Movimento: Revista de Educação da Universidade Federal Fluminense. Educação Especial e Inclusiva. n.º 7 (maio de 2003) p.11-18.

ROSA, Lúcia. *Transtorno mental e o Cuidado na Família*, São Paulo, 2011.

Diniz, Débora. *O que é Deficiência*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2007.

<http://intervox.nce.ufrj.br/~elizabeth/identidade.htm> - Acesso em 11 de setembro de 2012.

www.ibge.gov.br - Acesso em 15 de agosto de 2012.

www.ministeriodasaude.com.br - Acesso em 18 de agosto de 2012.

www.apaebrasil.org.br - Acesso em 18 de agosto de 2012.

www.portal.mec.gov.br - Acesso em 21 de agosto de 2012.

* CUNHA, Hercules Farnesi da Costa Cunha. É professor universitário nos cursos de Comunicação Social e Especialização da AEMS – Três Lagoas (MS), UniSalesiano – Araçatuba (SP), e Diretor Administrativo do Fênix - Colégio e Cursos – Araçatuba (SP), formado em Comunicação Social pela UFJF (MG), Especialista em Gestão Governamental pela UFMS/FGV (SP), Especialista e Mestre em Comunicação Social pela UMESP (SP) e doutorando pela Universidad San Carlos (CDE/PY).

* LIMA, Gerciellen Lacerda. É acadêmica de Jornalismo das Faculdades Integradas de Três lagoas – AEMS/MS.